

ROHMER, Céline; VOUGA, François – *Jean Baptiste, aux sources*.
Genève: Labor et Fides, 2019, 106 pp., ISBN: 978-2-8309-1705-5.

Como é sabido, a moldura configurada pelos cultos e devoções de matriz católica ancora-se, em boa medida, em imagens «cristalizadas», não raras vezes estereotipadas, difundidas pela hagiografia ou pela iconografia e pela estatuária, que realçam episódios, atributos ou milagres conotados com os vários e diversos santos. Esquece-se, por vezes, a figura histórica por trás do santo – ainda que, como é sabido, existam «santos», cuja existência se encontra despida de qualquer historicidade... – que poderá escapar ao «olhar devoto» de fiéis e leitores, fascinados, em regra geral, pela dimensão do «maravilhoso» que enforma o seu retrato. Se Erasmo já havia proposto, na *Vita Hieronymi* (1516), que, no âmbito da escrita hagiográfica, se investisse em uma investigação rigorosa das fontes, no sentido de uma «humanização realista» dos santos, Céline Rohmer e François Vouga renovam o convite na obra que aqui recenseamos, *Jean Baptiste, aux sources*, que pretende lançar uma renovada luz sobre esta figura neo-testamentária. Como realçam os Autores, na «Introdução», o facto de João não ter deixado qualquer testemunho escrito pela sua mão pesa, sobremaneira, sobre o conhecimento que, actualmente, dispomos sobre ele, assim como a circunstância de os quatro Evangelhos canónicos declinarem olhares oblíquos, atribuindo-lhe papéis diversos, condicionados, em boa medida, pela figura de Cristo, apresentam-no como «une sorte de double de Jésus» (p. 9). Neste sentido, Céline Rohmer e François Vouga consideram necessário optar por uma metodologia, escorada em uma análise cuidada e comparativa das fontes, que permita uma reconstrução prudente e segura de João Batista, enquanto figura histórica, em lugar de um caminho de investigação que, já trilhado por outros autores, havia investido no sentido de uma reconstrução sintética. As fontes a que Rohmer e Vouga recorrem são cinco: os Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João e as *Antiquidades Judaicas* de Flávio Josefo.

O primeiro capítulo é dedicado à análise do retrato de João traçado pelo evangelista Marcos. Céline Rohmer e François Vouga sublinham que a figura de João ocupa um lugar de destaque na construção dramática do Evangelho de Marcos (p. 15), devido ao impacto da sua pregação, ao seu modelo de vida ascética, que o aproxima do profeta Elias, e ao seu papel enquanto «Precursor». Marcos realça, muito significativamente, a sua missão de «Batista», acentuando a dimensão que encerra a metáfora do batismo. De acordo com os Autores, Marcos estabelece um paralelo entre João e Cristo, emulando-os como

defensores da verdade e, nesse sentido, vítimas da violência, encenando, assim, o seu Evangelho como uma espécie de tragicomédia. Neste sentido, a degolade João configura-se como um pré-anúncio da Paixão de Cristo, sendo ambos vítimas da libertação que defenderam na sua pregação: «C'est-à-dire que le portrait que Marc propose de Jean Baptiste est composé à partir de son rapport à Jésus. Marc a trouvé dans la figure prophétique d'Élie précurseur un modèle herméneutique lui permettant d'associer Jean Baptiste et Jésus dans la continuité d'une même histoire tout en maintenant entre les deux la discontinuité d'une distance infinie et chargeant le Baptiste de présenter son baptême d'eau comme une préfiguration de la nouveauté absolue, du baptême dans l'esprit, de celui qui allait venir derrière lui» (pp. 30-31).

No capítulo seguinte, os Autores analisam o retrato «desenhado» por Flávio Josefo, na sua obra *Antiquidades Judaicas*. Sendo o primeiro relato não-cristão, escrito no século I d.C., declina uma imagem de João Batista histórica e literariamente independente dos Evangelhos, sem estabelecer qualquer relação com Cristo. Flávio Josefo inscreve a figura de João no contexto do reinado de Herodes, sublinhando o peso de que se reveste o seu assassinato na evolução da História, na medida em que a derrota daquele monarca se deve ao assassinato de João. Nas *Antiquidades Judaicas*, Flávio Josefo constrói uma imagem de João enquanto «homem de bem», «corporizando» várias virtudes morais valorizadas na moldura da cultura helenística.

O terceiro capítulo, intitulado «Le portrait de Jean Baptiste selon Matthieu», analisa os moldes em que é equacionada a figura do Batista no Evangelho escrito por aquele Apóstolo. Mateus realça, sobretudo, o papel de João enquanto «Precursor», anunciado pela Sagrada Escritura, na medida em que prepara a vinda de Cristo. Neste sentido, Mateus procede a uma releitura teológica da personagem, que se tornará mais compreensível à luz da morte e ressurreição de Cristo.

O quarto capítulo destaca os moldes em que Lucas constrói o retrato de João Batista, sublinhando, sobretudo, o seu papel no contexto da vinda de Cristo. O evangelista realça as circunstâncias «maravilhosas» e extraordinárias em que ocorre o nascimento de João – que constitui para Lucas uma espécie de pré-anúncio da vinda de Cristo. Por outro lado, o reconhecimento do carácter profético do «Precursor» implica, logicamente, o acolhimento do Salvador que ele anuncia (p. 72).

Por sua vez, o Evangelho de João, objecto de atenção no quinto capítulo, reconstrói a figura de João Batista, colocando-a «ao serviço» da compreensão

da vinda e ascese de Cristo. Todavia, o leitor depara-se, neste Evangelho, com uma visão diferente daquela que encontramos nos textos de Marcos, Mateus e Lucas: se estes destacam, sobretudo, a sua faceta de «Precursor» ou de «Batista», João emula-o como sendo o primeiro Apóstolo. Neste sentido, como sublinhamos Autores, «la pratique de Jean interesse précisément l'évangéliste pour faire apparaître, sur un nouveau registre, la distance infinie qui separe le logos divin de son témoin» (p. 90).

O capítulo 6 funciona como uma espécie de sùmula, na medida em que os Autores destacam os motivos e os propósitos que poderão funcionar como justificação para a presença da figura de João Batista nos quatro Evangelhos canónicos. A nosso ver, valerá a pena chamar a atenção para as questões que permanecem «em aberto», almejando, deste modo, complementar a moldura histórica em que se insere João Batista. Neste sentido, de acordo com Rohmer e Vouga, João terá sido acompanhado por um círculo de adeptos ou fiéis que seguiam os seus ensinamentos; por outro lado, é também possível que, de facto, tenha batizado Cristo; contudo, parece muito pouco provável a existência, na década de 50 do século I d.C., de uma comunidade activa do Batista, em Éfeso. Por tudo isto, esta obra constitui um importante contributo para um conhecimento e uma revalorização da figura histórica de João Batista, na medida em que realça as várias «facetas» que, literariamente, configuram esta personagem neotestamentária que, naturalmente, se tornarão mais claros e compreensíveis à luz da vida de Cristo e do pensamento dos primeiros cristãos.

Paula Almeida Mendes
(CITCEM – FLUP)
pmendes@letras.up.pt